**O HOMEM MODERNO E A CEGUEIRA DA HUMANIDADE: O INTERDISCURSO E O *ETHOS* DISCURSIVO NA OBRA** *O ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* **DE JOSÉ SARAMAGO[[1]](#footnote-1)**

Gerizilda Dantas de Souza  
Graduada em Letras Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/CAMEMAM

[gesouza2304@gmail.com](mailto:gesouza2304@gmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo analisar o discurso na obra *O ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, através de fragmentos que abordam a incapacidade do homem diante as dificuldades que cercam a sociedade. A análise teve como categorias de análise o interdiscurso e *ethos* discursivo desenvolvidas por Maingueneau. Como suporte teórico, foram utilizados, dentre outros, Charaudeau, Fernandes e Orlandi. Por fim, percebemos como Saramago apresenta através do interdiscurso o homem em retrocesso na sociedade, incapaz de enxergar para além do que ele é capaz, permanecendo parado em sua própria visão de mundo. A imagem do homem mostrada como um prisioneiro de sua própria ideologia e de seus medos, dessa forma, enxergando apenas o que lhe é concebível de explicações. Saramago, traz em sua obra uma forma de fazer o homem moderno refletir sobre seu modo de se guiar e de dirigir as pessoas a sua volta, mostrando que nossas ações são tão importantes quanto a capacidade de vê o mundo que nos rodeia.

**Palavras-chave:** Discurso. Interdiscurso. *Ethos. Saramago.* Cegueira.

**INTRODUÇÃO**

É conhecido que os cinco sentidos: paladar, olfato, tato, audição e visão são os guias do ser humano no seu dia a dia, juntos formam uma rede de auxílio para a sobrevivência básica do ser humano no ambiente em que se encontra. Não são necessariamente essenciais, pois, ainda é garantida a sobrevivência do homem caso não possua os cinco em concomitância, ainda que ele sinta emocional e/ou psicologicamente a falta daquele(s) sentido(s) que não estão presentes. Nesse ponto, o apoio de outras pessoas que estão a volta das que não tem a visão ou a audição, por exemplo, torna-se tão essencial quanto o próprio sentido, uma vez que a família, amigos e conhecidos servem como suportes para a reabilitação do corpo e da mente até o homem se acostumar com a falta daquele sensor que lhe está faltando.

Pensando acerca da capacidade de solidariedade e humanidade do homem, o autor José Saramago apresenta na sua obra *O ensaio sobre a cegueira*, o ser humano na sua pele mais sensível, em que ele se vê totalmente à mercê de outros em um mundo agora desconhecido e assustador. Dessa forma, a cegueira é debatida na obra em uma dualidade acerca do poder da visão, em que através de um jogo de palavras e reflexões, o autor apresenta questionamentos acerca de quanto e quando é possível declarar a cegueira de uma pessoa. Deixando ao leitor a incógnita: O homem torna-se cego quando perde seu sentido ou quando ele ignora as condições de outros ao seu redor, como a miséria e as injustiças?

Posto isto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o *ethos* discursivo da personagem denominada e descrita como “a mulher do médico”, através da análise de excertos retirados da obra de Saramago. Pretendemos ainda analisar o interdiscurso presenta na obra do autor, pois ao utilizar a cegueira como característica de fragilidade do caráter do homem perante a sociedade e as próprias crenças pessoais de cada indivíduo, o autor utilizou discursos que já estavam construídos, apenas remodelando-os para poder expor a nudez do homem em sua condição de ser humano e animal selvagem.

Assim, levando em consideração as informações presentes na obra *O ensaio sobre a cegueira*, do autor José Saramago, utilizaremos o livro como *corpus* para esse trabalho, onde selecionamos fragmentos que apresentam a dualidade da sociedade pela perspectiva da “mulher do médico” perante situações de conflito intenso e a forma como o homem se disponibiliza para ajudar o próximo no momento de dificuldade. Afinal, é necessária a conscientização da sociedade acerca de como as ações realizadas em volta de outros pode afetar a vida de várias pessoas, principalmente porque o homem é um ser social, ele vive em constante movimento e suas escolhas e ações podem afetar positiva ou negativamente aqueles que estão ao seu redor.

Saramago mostra através de um discurso direto e indireto como o homem pode se tornar um animal irracional diante de obstáculos, além disso, o autor busca mostrar como o medo e o egoísmo cercam a sociedade, transformando todos cegos diante sua própria maneira de enxergar o ambiente a sua volta.

Portanto, para desenvolver essa pesquisa temos como suporte as discussões e teorias desenvolvidas por Charaudeau (2013); Charaudeau; Maingueneau (2016); Maingueneau (2000, 2006a, 2006b, 2007, 2008, 2010); Fernandes (2008); Orlandi (2009), responsáveis por apresentar o quadro que forma a Análise do Discurso, o interdiscurso e o *ethos* discursivo.

O presente trabalho está dividido em três tópicos: o primeiro, abordaremos um pouco sobre as fases da Análise do Discurso de orientação francesa (AD), chegando aos estudos de Maingueneau e as categorias de *Ethos* discursivo e interdiscurso desenvolvidas nos seus textos; posteriormente, apresentamos como se encontra essas mesmas categorias na obra *O ensaio sobre a cegueira*. Por último, as conclusões, onde percebemos que trabalhos com a temática entre AD e obra literária deve ser mais explorados, uma vez que as categorias apresentadas acima podem mostrar características tanto do enredo como do próprio autor, na obra analisada, especificamente, o dilaceramento e a compreensão de como a sociedade moderna é vista torna-se importante para que discussões acerca disso possam fazer do homem um ser mais consciente.

**2 ANÁLISE DO DISCURSO E SEUS PRESSUPOSTOS**

Se existem textos e autores fundadores da AD, na verdade, é apenas uma questão de saber quando apareceu a AD. Aqueles que, por exemplo, fizeram de Michel Pêcheux o fundador da AD têm uma certa concepção da AD. Aqueles que, como eu, pensam que houve diversos atos de fundação da AD têm outra concepção. (MAINGUENEAU, 2006a, p. 01)

A apresentação da origem da Análise do Discurso (AD) torna-se uma incógnita em alguns sentidos, pois estudiosos da área ressaltam que a ela não se pode destinar apenas um único fundador, uma vez que, através de estudos desenvolvidos nas áreas da linguística, Marxismo e psicanálise. Dessa maneira, “seu desenvolvimento implica não apenas uma extensão da linguística, mas também uma reconfiguração do conjunto dos saberes” (MAINGUENEAU, 2007, p. 16), em que nos deparamos com correntes de conhecimento que apresentam o desenvolvimento da linguagem do homem no seu meio social, sempre evoluindo seu modo de pensar e ordenar suas ideias, utilizando o seu discurso e o de outrem para constituir seus argumentos perante uma determinada situação. Sendo assim, a análise do discurso implica necessariamente no casamento entre fatores históricos e sociais, já que eles impulsionam o homem a agir na sociedade.

Apesar dos questionamentos existentes acerca do surgimento da AD, considera-se oficialmente o ano de 1969 como percursor da teoria, através dos textos publicados – mas ainda inspirado em outros estudos – o linguista francês Michel Pêcheux, sendo assim, considerado seus estudos como pertencentes a primeira fase da AD, que focava nos discursos de forma especifica, ocorridos em uma determinada ocasião. Dessa forma, os discursos estudados pela perspectiva de Pêcheux eram considerados homogêneos e fechados em si, com o sujeito apenas um repetidor de palavras, mas nunca criador de novas. Os discursos políticos eram o foco de estudo nessa fase, com sua própria visão ideológica e objetivos, ao considerar que esses discursos eram apenas uma repetição de outro discurso, não uma evolução ou resposta a aqueles que já foram proferidos.

Chegando ao ano de 1975, através da corrente de pensando de Michel Foucault, é percebida uma mudança em volta dos estudos que apresentam foco na análise dos discursos, pois o autor abriu um pouco a ideia estabelecida por Pêcheux para um novo patamar. Ou seja, o discurso passou a ter uma esfera que não é tão fechada em si, sendo considerado menos homogêneo, preso em si, mesmo que ainda não com uma liberdade total, mas o discurso não está mais vinculado a apenas uma única formação discursiva. Foucault, começa a apresentar outros meios para a formação do discurso, levando em conta a sua exteriorização juntamente com o interdiscurso (parte constituinte do sujeito e do discurso), dessa forma, “muda-se apenas a constituição dos *corpora* que serão colocados em relação para focalizar a desigualdade em suas influências internas, que vão além do nível da justaposição” Fernandes (2008, p. 83), o discurso passa a ser vinculado a situações de interação do sujeito e o mundo a sua volta, levando em consideração ideologias e características sociais como formadores do discurso.

A terceira fase da Análise do Discurso data a partir de 1980, tornando a perspectiva de que o discurso é homogêneo e fechado apenas em si para trás, pois nessa fase o discurso passa a ser visto como heterogêneo, formado por várias formações discursivas, já que todo discurso é formado em um meio social, sem nenhum controle de terceiros para o que e quando será pronunciado determinado fato. Sendo o sujeito responsável em levar para seu discurso várias informações do meio em que está presente, assim “são colocadas, enfim, várias interrogações acerca do sujeito do discurso” (FERNANDES, 2008, p. 83), uma vez que é um sujeito com bagagem social, histórica, cultural e pessoal, formando um emaranhado de ideia que formam seu modo de se pronunciar.

Sendo assim, ao observar a origem da AD, percebemos como seu campo torna-se vasto de ideias, algo que podemos levar em consideração como uma característica pertencente ao próprio discurso, que leva o sujeito a se posicionar de várias formas até mesmo para definir o que é um discurso. Desse modo, os estudos referentes a essa área não podem ser colocados apenas nas mãos de uma única pessoa, afinal, o emaranhado de ideias e posicionamento foi o impulsionador para que os estudos surgissem.

Foi levando em considerações essas ideias que Dominique Maingueneau surge com a proposta do que pode ser denominada como quarta fase da Análise do Discurso, uma extensão da terceira fase que já apontava o sujeito em sua forma heterogênea. Dessa forma, a partir dos anos 70, os estudos de Maingueneau começaram a ser desenvolvidos, tendo em vista seu posicionamento acerca da ideia de sujeito e discurso, o autor nos apresenta algumas categorias para serem levadas em consideração no momento de análise de um determinado discurso. Como as categorias de interdiscurso, ou seja, o surgimento de um discurso decorrente de outro discurso, quando uma formação discursiva tem a influência de várias outras formações, e, o *ethos* discursivo, que diferente da ideia de Aristóteles, aqui o *ethos* ocorre não apenas no ato da fala, mas em cada gesto, movimento e pronunciamento do sujeito, antes mesmo dele falar algo, além de levar em consideração o discurso escrito como uma forma de identificar o *ethos* do seu criador.

Maingueneau mostra que “a análise do discurso não tem corpus próprio: ela pode analisar o mesmo *corpus* que outras disciplinas, mas a partir de sua própria abordagem” (MAINGUENEAU, 2000, p. 3), ou seja, ele leva em consideração os vários discursos existentes, não focando apenas em determinados como se eles pertencessem a apenas uma área de estudo especifica, um exemplo disso é a análise do textos literários desenvolvidos através dos estudos apresentados pelo autor, que possibilita a interação entre sujeito e enunciador de uma forma ampla. Uma das características marcantes dos seus estudos é o destaque dado aos gêneros do discurso, atribuindo a eles o entendimento para a formação discursiva dos enunciados e como eles são reatualizados na interação social dos sujeitos. Afinal de contas, “a sociedade é percorrida por um agregado de palavras com poder de ação difuso, que atravessam numerosos espaços do discurso” (MAINGUENEAU, 2007, p. 34), pensando nisso as categorias de *ethos* e interdiscursos permeiam as análises que tem como subsídio teórico de apoio os estudos de Maingueneau.

2.1 O discurso: objeto de análise da AD

O discurso é uma importante base da comunicação na sociedade, é através dele que o interlocutor pode analisar o locutor e a mensagem passada no seu enunciado. Afinal, o discurso faz parte do contexto social, histórico, cultural e ideológico de um sujeito, sendo possível entender vários aspectos do homem através de uma análise externa (fatores históricos e sociais) e internas (fatores ideológicos, crenças e semânticas) do que foi dito. Dessa forma, o discurso é toda atividade comunicacional em que duas ou mais pessoas interagem entre si, sendo possível nesse ato delimitar a identidade do sujeito.

Desse modo,

A análise o discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o **discurso**, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 2009, p. 15, negrito nosso).

A palavra discurso, nesse caso, traz a ideia de curso, percurso, que o homem forma ao se comunicar, deixando ao longo do tempo sua marca e as características de outros discursos na sua interação com outros sujeitos. Nesse sentido, o discurso pode ser tomado como o central de entendimento do homem desde a sua existência, onde através da comunicação ele traça seu destino e daqueles ao seu redor.

Maingueneau (2008, p. 25) ressalta que “não se pode definir o discurso como um gênero cujos diversos tipos seriam suas diferenças especificas, assim como não existe discurso absoluto que, num espaço homogêneo, regularia todas as traduções de um tipo de discurso para outro”. Dessa forma, o autor mostra que os discursos estão constantemente sendo organizados de acordo com suas tipologias, em um sistema que determina as propriedades e o que forma determinado discurso, mas que essa organização é desnecessária para os estudos da AD, uma vez que isso é insensato.

A linguagem nesse contexto não é o foco dos estudos da AD, mas a AD precisa dela para que o discurso seja construído e, então, possa ter uma ideia real do sujeito e sua formação social e ideológica. O discurso se torna central na interação dos sujeitos, em que através dele é capaz de chegar uma constituição do discurso que possa ser compreendida pelos enunciadores de um mesmo campo. Dessa forma, o discurso será analisado levando em consideração o sujeito e sua formação histórica, social, cultural e ideológica.

2.2 Duas categorias de análise apresentadas nos estudos de Maingueneau: interdiscurso e o *Ethos* Discursivo

2.2.1 O interdiscurso e sua consolidação através da tríade discursiva

O interdiscurso é uma categoria apresentada como uma forma de distinguir a heterogeneidade do discurso, ou seja, mostrar que dentro de um discurso existem vários outros, apresentando a identidade discursiva presente na formação daquele enunciado. Dessa maneira, pode-se afirmar que o interdiscurso é constituído de vários discursos resultados de uma interação social, cultural e histórica de vários indivíduos ao longo do tempo. Portanto, “o interdiscurso consiste em um processo de *reconfiguração incessante*” (MAINGUENEAU, 1997, p. 113), trabalha como uma reatualização de discursos já proferidos em um determinado momento, mas que enunciados novamente podem ganhar uma nova significação, não perdendo sua identidade e formação discursiva original, mas agregando a si novas formações discursivas e possibilidades de interação entre os sujeitos.

Para completar a definição acerca do interdiscurso, Maingueneau (2008) nos apresenta três elementos que o compõe: *universo discursivo*, apresentado como “conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 116); *campo discursivo*, visto como “conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região” (MAINGUENEAU, 1997, p. 116); por fim, o autor apresenta os *espaços discursivos,* caracterizados como o “subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados” (MAINGUENEAU, 1997, p. 117). Dessa forma, referente a primeira parte da tríade que o autor apresenta, podemos entender que ela é a junção de todas as formações discursivas de um determinado momento social e histórico, dando abertura para a formação do que o autor denominou como a segunda parte da tríade, ou seja, o campo discursivo, as formações discursivas presentes nesse campo entram em uma “batalha”, a qual elas podem concordar entre si ou ser opostas, da mesma forma que elas podem assumir a neutralidade, uma vez que mesmo pertencendo ao mesmo campo discursivo, os discursos podem se formar de maneiras distintas. Em relação ao espaço discursivo, observamos o estudo do discurso de forma mais centralizada, ou seja, o analista procura a relação em uma quantidade especifica de formações discursivas dentro de um determinado campo, para que se possa traçar as relações que ambas formações tem entre si, desse modo, os analistas separam essas formações de acordo com seus objetivos de pesquisa.

Portanto, o interdiscurso associado a tríade discursiva apresentada por Maingueneau, nos permite entender a formação do discurso partindo de outro, possibilitando a identificação das partes constituintes de uma formação discursiva, para que seja possível compreender a formação de um discurso a partir de Outro, além de sua relação consigo mesmo, o quanto ele é um discurso primeiro, e quanto ele é uma parte vinda de outras formações, identidades e discursos de outros sujeito em um determinado meio social e histórico.

2.2.2 *Ethos* discursivo

Uma outra categoria apresentada para a análise dos discursos, é o *ethos* discursivo, esse apresentado por Maingueneau (2010, p. 79) como “coextensivo a toda a toda enunciação: o destinatário é necessariamente levado a construir uma representação do locutor; que este último tenta controlar, mais ou menos conscientemente e de maneira bastante variável”, o *ethos* representa a personificação do sujeito através do seu discurso, que para Maingueneau, não é levado em consideração apenas o discurso oral, como apresentado no *ethos* retórico, mas também o discurso não verbal. Em outras palavras, o autor nos apresenta uma definição que visa ir além do ato da fala como uma maneira de personificar o sujeito de um determinado discurso, pois ele acredita que o corpo, o ato da escrita, gestos/ a forma como o locutor se porta antes mesmo de abrir a boca já nos permite construir sua imagem.

Ainda sobre a categoria do *ethos*, Maingueneau (2006b) defende que a noção de *ethos* permite a articulação do corpo e do discurso, ou seja, a articulação da voz que se manifesta no discurso. O enunciador caracterizado é o enunciador que recebe o nome de fiador, aquele que está responsável pelo discurso dentro da cena de enunciação, este por meio do seu tom de voz, seja ele, no contexto escrito ou oral, afirmando o que está sendo dito no discurso. Assim sendo, “a qualidade do *ethos* remete a um fiador que, através desse *ethos*, proporciona a si mesmo uma identidade em correlação direta com o mundo que lhe cabe fazer surgir” (MAINGUENEAU, 2006b, p. 278), e por isso o fiador tem a responsabilidade de legitimar a si e seu discurso dentro da cenografia em que está.

O fiador e a maneira como ele se posiciona (o tom) no discurso, permite que o seu co-enunciador construa sua imagem. No discurso literário, o *ethos* é concebido através da concepção que abarca toda a parte verbal, psíquica e física do texto, para que possa ser identificado a voz que o fiador está dando ao discurso. Diante disso, Maingueneau (2006b) propôs através do termo incorporação a maneira como o receptor, no papel de intérprete, seja como ouvinte ou de leitor do texto, se apropria do *ethos*. O termo incorporação é apresentado por Maingueneau (2006b, p. 272) de três formas:

– A incorporação da obra confere uma “corporalidade” ao fiador, ­*dá-lhe um corpo*.

– O destinatário *incorpora,* assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se relacionar com o mundo habitando seu próprio corpo.

– Essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um *corpo*, o da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso.

Dessa forma, na análise literária, a incorporação do texto pelo destinatário permite uma ampla análise do discurso, indo além da relação com o fiador, mas com todo o mundo que está em volta daquele enunciado, em que podemos observar como o *ethos* contribui para formação e modela o seu fiador. Portanto, podemos destacar que o texto pode contribuir para a construção da encenação e consequentemente do *ethos* do enunciador, indo muito além da análise apenas oral durante uma interação de sujeitos. O *ethos*, apresentado por Maingueneau mostra que a imagem pode ser construída antes mesmo do sujeito falar, indo além de uma análise vocal, mas física e até psíquica do enunciador.

**3 A CEGUEIRA NA OBRA DE SARAMAGO COMO ESPELHO DA (IN)CONSCIÊNCIA DA (DES)HUMANIDADE DO HOMEM**

Respaldados nos pressupostos teóricos apresentados anteriormente, apresentamos a análise realizada em fragmentos da obra *O ensaio sobre a cegueira* de José Saramago. Ressaltamos que os excertos escolhidos permanecem com a escrita original, ou seja, com o português de Portugal, uma vez que o autor não permite a tradução de suas obras para a versão do idioma brasileiro.

3.1 O verdadeiro cego é aquele que enxerga ou o que não possui o poder da visão?

O enredo é construído através de reflexões acerca da visão, da capacidade do homem em se manter humano diante tantas incapacidades e sofrimento. Temos, em um desses momentos, o questionamento sobre quem realmente é cego naquele mundo, quem deixou de enxergar ou quem sempre foi incapacitado de vê o mundo a sua volta. Somos levados a reflexão do mundo interior da humanidade, sua capacidade de ajudar os que necessitam de alguém que enxerguem por eles. Desse modo “a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança” (SARAMAGO, 2017, p. 204), nesse trecho observamos a consternação do locutor ao demonstrar que o mundo está cego, talvez, pela falta de esperança que o predomina. A falta de uma certeza imediata cega o homem desde os tempos arcaicos, uma vez que ele necessita dominar o que ocorre ao seu redor para se sentir seguro no seu espaço. Assim, sem fé, sem esperança, só lhe resta a escuridão, se essa não for dos olhos, certamente será da alma e do intelecto. Platão nos traz uma ideia acerca do poder da visão para o homem e sua posição no mundo, destacando que “se alguém o forçasse a olhar para a própria luz, doer-lhe-iam os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio juntos dos objetos para os quais podia olhar” (PLATÃO, 2015, p. 211), ou seja, da mesma forma como o locutor de Saramago, o de Platão é um cego diante o mundo a sua volta, pelo fato de não conseguir enxergar/aceitar a realidade que antes lhe era desconhecida.

Ao ler o excerto retirado da obra de Saramago e conseguir associar com o discurso presente na obra de Platão, o leitor reativou sua memoria discursiva para perceber a relação entre os dois discursos. No primeiro, somos deparados com o homem sem esperança, assim, julga que isso é a cegueira; no segundo, o homem não consegue aceitar o mundo a sua volta, se assusta com a nova visão que tem dele, preferindo voltar as sombras do conhecido, ignorando por medo ou pura aceitação que outras realidades o cerca. O regaste desses discursos se dá pelo fato que “o discurso é também dominado pela memória de outros discursos” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 325), ou seja, o leitor ao se deparar com a realidade de Saramago, ativa sua memoria discursiva e busca a relação com outros discursos, outras realidades já apresentadas no decorrer da história de formação da humanidade. Dessa maneira, ocorre o interdiscurso, em outras palavras, a relação de um discurso com outros discursos já constituídos. Portanto, “o interdiscurso ‘trabalha’ o discurso, que, a seu turno, redistribui esse interdiscurso que o domina. A sociedade é percorrida por um agregado de palavras com poder de ação difusa, que atravessam numerosos espaços de discursos” (MAINGUENEAU, 2007, p. 34), a relação desses discursos ocorre pela capacidade de identificar a marcas interdiscursivas presentes em ambos.

Nesse mesmo viés, podemos identificar o *ethos* discursivo do locutor, no fragmento “a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança”, percebemos um sujeito em forte aceitação da sua situação, acreditando que não existe uma outra forma de viver no mundo diante a depressão que lhe rodeia: uma sociedade sem rumo, doente, cega, sem esperança e sem forças para lutar. Dessa forma, apenas resta a aceitação de que o mundo é cego pela incapacidade dos seus habitantes percorrer o caminho das dificuldades, apenas aceitar o que lhe é dado sem lutar por mais. Assim, “o *ethos* de um discurso resulta de uma interação de diversos fatores: o *ethos* pré-discursivo, o *ethos* discursivo (*ethos mostrado*), mas também os fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*)” (MAINGUENEAU, 2006b, p. 270, grifos do autor), o sujeito assume a imagem de homem sem rumo, parado diante uma situação que ele acredita não poder controlar, afinal “é uma grande verdade a que diz que o pior cego foi aquele que não quis ver” (SARAMAGO, 2017, p. 283), ou seja, o discurso do sujeito se assemelha novamente com um já proferido, o ditado popular diz que “o pior cego é aquele que não quer ver”, diante tal fato, o homem mais uma vez é retrocesso em suas atitudes, ele tem o poder da visão, mas se recusa aceitar o mundo que o rodeia, a realidade passa a ser mais dura do que a escuridão da cegueira.

O locutor mostra ao seus co-enunciadores o homem moderno mais uma vez preso em suas próprias ideologias, incapaz de enxergar além dele, numa condição que “não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem” (SARAMAGO, 2017, p. 310), o sujeito do discurso assume o papel de filosofo, de sábio que vê o que mais ninguém enxergou ou que não tem coragem de exprimir em voz alta: a sociedade é cega por não perceber o que acontece com ela e com outros, por ignorar as mais barbáries que o mundo está refém, e, consequentemente, aqueles que nele vive. Mais uma vez, o discurso ativa a memória discursiva e nos leva a representação de um Outro discurso, sendo ele a consciência do homem entre o que é bem e mal ao ganhar visão, encontramos esse discurso na passagem da obra de Platão, em que ele mostra “as perturbações visuais são duplas, e por dupla causa, da passagem da luz à sombra, e da sombra à luz” (PLATÃO, 2015, p. 213), desse modo, o homem moderno vive da mesma forma que o homem platônico: sem entender que a visão é uma mão dupla, que ela possui maneiras de fazer enxergar o meio a nossa volta, mesmo que os olhos por si não vejam.

O fragmento “Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem” (SARAMAGO, 2017, p. 310), apresenta o *ethos* do sujeito conhecedor de suas limitações e daqueles que o cerca. Mostrando que na realidade não estão verdadeiramente cegos, com um dos seus sentidos perdidos para sempre, mas que a ignorância é maior do que o ato de enxergar, de reconhecer o que rodeia a humanidade, sendo necessária que uma reeducação seja realizada para combater a cegueira do intelecto.

**CONCLUSÕES**

O discurso analisado, nos permitiu uma reflexão acerca da sociedade moderna e de como ela vem se posicionando diante as dificuldades do mundo atual. Saramago, através de um jogo de palavras e de um discurso reatualizado de outros discursos já presentes na escrita da sociedade, nos mostra que as mudanças dos tempos antigos para os tempos atuais ainda estão caminhando de forma lenta, pois o homem não deixou seus medos e limitações no passado. A sociedade atual é tão cega quanto aquela que não possuía os conhecimentos que hoje a humanidade possui. A ignorância cega o homem inconscientemente ao longo de sua jornada, até que um dia ele não vê nada além do que está em seu total poder.

O interdiscurso apresentado na obra nos traz dois textos antigos. O primeiro, refere-se a obra de Platão, o livro VII, em um dos trechos é apresentado um intenso diálogo sobre o poder da visão e como o homem possui e pode ter medo dela; o segundo, um ditado popular que remete a história de um homem que após ganhar uma cirurgia que lhe deu a visão, pediu ao seu medico que desfizesse a mesma, pois ele não gostou do que viu no mundo, de toda a sua feiura.

Referente ao *ethos* discursivo, fomos apresentados a imagem do homem incapacitado pela sua própria consciência, que se recusava a aceitar o que estava a sua volta, tornando-se assim um cego por escolha, vivendo em um mundo em que não enxergava ou estava tão preso em suas próprias concepções que nada mais importava.

Portanto, concluímos esse trabalho ressaltando a importância do discurso para interpretação e para o dialogo com outros discursos, possibilitando o entendimento do mundo a nossa volta e os fatores que o constitui.

**REFERÊNCIAS**

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso:** Reflexões Introdutórias (Edição revista e atualizada). 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008. v. 1. 112p.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MAINGUENEAU, D. Analisando discursos constituintes. In **Revista do GELNE**, Fortaleza: Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, n. 2, v. 2, 2000.

MAINGUENEAU, D. Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 4, n. 6, mar. 2006a. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006b.

MAINGUENEAU, D. **A análise do discurso e suas fronteiras**. Matraga, Rio de Janeiro, v. 14, n.20, p. 13-37, jan. /Jun. 2007.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva (Org.). Tradução Aldail Sobral. São Paulo: Parábola, 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso:** princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PLATÃO. **A República**.3.ed. São Paulo: Martin Claret, 2015.

SARAMAGO, J. **O ensaio sobre a cegueira**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

1. Trabalho orientado pelo prof. Dr. Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/CAMEMAM. [ivanaldosantos@yahoo.com.br](mailto:ivanaldosantos@yahoo.com.br) [↑](#footnote-ref-1)